



## O ESTUDO DA LINGUAGEM NO CONTEXTO SOCIAL

### Objetivos gerais do capítulo:

- ⇒ Conhecendo a Sociolinguística – o objeto de estudo e conceitos básicos da área;
- ⇒ A variação vista de dentro da língua – os níveis linguísticos em que ocorre variação e os condicionadores internos à língua;
- ⇒ A variação vista de fora da língua – os tipos de variação linguística e sua relação com os condicionadores externos à língua.

### 1. CONHECENDO A SOCIOLINGUÍSTICA

Neste capítulo, vamos dar os primeiros passos no conhecimento da Sociolinguística. Começamos apresentando algumas ideias que fundamentam esse conhecimento, e para isso nos referiremos constantemente ao mundo das pesquisas feitas nessa área, pois é através dele que vamos elencar alguns conceitos necessários para as discussões que teremos ao longo de todo este livro.

Antes mesmo de tomarmos contato com esses estudos, é preciso nos desfazermos de algumas eventuais noções pré-concebidas. É necessário, por exemplo, abandonar a ideia de que a língua é uma estrutura pronta, acabada, que não é suscetível a variar e a mudar. É necessário também entender que a realidade das pessoas que usam a língua – os falantes – tem uma influência muito grande na maneira como elas falam e na maneira

como avançam a língua que usam e, especialmente, a língua usada pelos outros. Para conhecer a Sociolinguística, é necessário, antes de mais nada, “abrir a cabeça” para aceitar a língua que está sendo usada à nossa volta como um objeto legítimo de estudo.

À primeira vista, pode parecer difícil imaginar que a língua, com seu caráter variável e mutável, como estamos afirmando, seja um objeto de estudo científico, já que estudos científicos são, em geral, baseados em sistematizações, em resultados concretos, no estabelecimento de regras. Mas esperamos que, ao fim deste capítulo, fique evidente que procurar regras – que muitas e muitas vezes se diferem das regras *prescritas* em gramáticas normativas e manuais de “bom uso” da língua – é um dos objetivos da Sociolinguística, e que é possível depreender regras da língua, mesmo diante de todas as suas mudanças e variabilidades.

Iniciemos o exame dessa área de estudos pensando no seu nome: *Sociolinguística*. Quando ouvimos essa palavra, possivelmente imaginamos que ela tenha algo a ver com *Linguística* e também com *social*. De fato, como o nome sugere, a Sociolinguística é uma área da Linguística que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos.

Vamos refletir um pouco sobre essa relação. Pensemos nas pessoas à nossa volta, aquelas que pertencem à nossa família, aquelas que encontramos na universidade, no trabalho, no supermercado. Elas falam todas da mesma maneira?

Se pensarmos bem, talvez tenhamos duas respostas a oferecer para essa pergunta. Uma delas é *sim*, as pessoas à nossa volta falam todas da mesma forma. Tanto é verdade que elas se entendem perfeitamente. Todas (à exceção das estrangeiras, e olhe lá!) falam português. Se for o caso, até podemos especificar: todas elas falam o *português brasileiro*.

Ou então *não*, elas falam todas de maneira diferente. Um pronunciam todos os ‘S’ (provavelmente aquelas que passaram mais anos na escola), outras têm sotaques diferentes e outras ainda usam palavras cujo significado talvez não conheçamos, por se tratar de expressões de uma determinada região do país ou que são usadas por uma geração diferente da nossa.

Pois bem, as duas respostas estão corretas. As pessoas à nossa volta se comunicam sem maiores problemas; mais do que isso, a língua falada é, muitas vezes, o maior e melhor instrumento que elas têm para se entender, um instrumento capaz de desfazer mal-entendidos causados por um olhar ou

um gesto, por exemplo. Isso quer dizer que elas falam da mesma maneira. Contudo, cada grupo social apresenta características no seu falar que são condicionadas por sua origem, sua idade, sua escolaridade, entre outros fatores. Isso quer dizer que as pessoas à nossa volta falam de diferentes maneiras.

As conclusões que podemos tirar dessa aparente “pegadinha” são que, primeiramente, **a língua é um sistema** organizado – tão organizado que seus falantes se comunicam perfeitamente entre si, não importando se um mora no interior de São Paulo e o outro na capital do Rio Grande do Sul, se um tem 6 anos de idade e o outro 60, se um tem curso superior e o outro ensino fundamental. Em segundo lugar, podemos concluir que **a língua varia**, e essa variação decorre de fatores que estão presentes na sociedade – além de fatores que podem ser encontrados dentro da própria língua, conforme veremos mais adiante.

A Sociolinguística se ocupa desses fatores, da pressão que eles exercem sobre a língua que falamos e da maneira que as pessoas percebem e avaliam a língua. É dessa forma que os sociolinguistas estudam a relação entre língua e sociedade.

Notemos que as duas conclusões a que chegamos não são incompatíveis entre si: na Sociolinguística, entendemos a língua como um sistema de regras, mas algumas regras são categóricas (regras que sempre se aplicam da mesma forma) e outras são variáveis (regras que se aplicam de modo variado).

É com essas questões, fundamentalmente, que vamos nos deparar ao longo deste livro. Para lidar com elas, vamos primeiro nos equipar com algumas ideias e conceitos básicos.

## 1.1. Que Sociolinguística é essa?

Quando começamos este capítulo, dissemos que a Sociolinguística é *uma* área da Linguística que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos; não afirmamos que a Sociolinguística é *a* área que estuda essa relação. Existem outros campos dentro das ciências da linguagem que se dedicam, de alguma forma, ao estudo da língua no contexto social, como a Linguística Histórica, a Análise do Discurso e a Linguística Aplicada.

Além de perceber que a Sociolinguística não é a única área da Linguística que se ocupa da relação entre língua e sociedade, é importante que tenhamos consciência de que *Sociolinguística* é um termo bastante amplo, que engloba

diversas formas de olhar para essa relação. É importante ter em mente que, neste livro, trataremos da teoria e do método de uma Sociolinguística em especial: a **Sociolinguística Variacionista**. Essa área atende também por outros nomes: (i) **Sociolinguística Laboviana**, porque seu principal expoente é o linguista norte-americano William Labov; (ii) **Sociolinguística Quantitativa**, porque, a princípio, os pesquisadores dessa área costumam lidar com uma grande quantidade de dados de usos da língua, o que requer normalmente uma análise estatística; e (iii) **Teoria da Variação e Mudança Linguística**, por conta de suas principais preocupações: a variação e a mudança na língua.

Para avançarmos em nosso estudo sobre *essa* Sociolinguística – à qual nos remeteremos por todos os seus rótulos indistintamente –, vamos começar apresentando as noções de *variedade*, *variação*, *variável* e *variante*. Em seguida, veremos que, em se tratando de língua, tudo o que acontece tem uma explicação, que encontramos dentro ou fora dela – existem *forças* que agem sobre a língua e a influenciam continuamente.

## 1.2 Primeiras noções: variedade, variação, variável e variante

Para entender o conceito de *variedade*, voltemos a pensar na fala das pessoas de nossa família, de nossa universidade, de nosso trabalho e do supermercado que frequentamos. Já concluímos que elas falam de uma única maneira, e também que falam de maneiras diferentes. Mas o que faz a fala dessas pessoas parecer igual ou diferente?

Certamente, o que une a fala das pessoas em quem pensamos é o fato de elas falarem português. Observamos também que, embora todas elas falem a mesma língua, existem algumas características que diferenciam a fala de um determinado grupo social da fala de outro grupo.

Damos o nome de **variedade** à fala característica de determinado grupo. A partir de critérios geográficos, podemos isolar, por exemplo, a variedade gaúcha, a variedade manauara e a variedade da Zona Leste da cidade de São Paulo; a partir de critérios sociais, podemos pensar, por exemplo, na variedade dos falantes mais escolarizados, na variedade dos falantes mais jovens e na variedade das mulheres; também podemos escolher outros critérios, como a ocupação/profissão (a variedade dos advogados, por exemplo) ou algum hábito que unifique os falantes (a variedade dos falan-

tes que acessam determinada rede social na internet com frequência, por exemplo). Podemos, ainda, combinar diferentes critérios para chegar às variedades: pode-se falar na variedade dos pescadores de Florianópolis, na variedade das donas de casa do interior do estado de São Paulo, na variedade dos jovens *rappers* da cidade do Rio de Janeiro e assim por diante.

É importante destacar que temos uma variedade específica a que os sociolinguistas se referem com certa frequência: a *variedade culta*.

---

### *Variedade culta*

A variedade culta é normalmente associada às camadas mais altas da pirâmide social. É, em geral, a língua usada pelos falantes mais escolarizados, com maior remuneração e que moram em centros urbanos. Essas pessoas, por seu *status*, comumente gozam de prestígio social, e esse prestígio é transferido para a sua fala.

É evidente que não se trata de uma delimitação exata de um grupo de falantes. Se considerarmos a realidade brasileira, veremos que há pessoas com alta remuneração e pouca escolaridade, outras com alta escolaridade e baixa remuneração, moradores de áreas rurais com propriedades de alto valor e assim por diante. Como qualquer outra variedade, a variedade culta também apresenta variações – basta pensar que as variedades, ainda que agreguem falantes com características (geográficas, sociais etc.) em comum, não são homogêneas. Por esse motivo é que podemos considerar a existência de algumas variedades cultas – e é essa a perspectiva que adotamos daqui por diante neste livro.

---

Na Sociolinguística Variacionista, *dialeto* e *falar* são sinônimos de *variedade*. É importante observar que *dialeto*, aqui, não corresponde a uma variedade “inferior” ou estigmatizada de uma língua, mas sim – como é equivalente a *variedade* – ao falar característico de determinado grupo social e/ou regional.

Vamos agora tratar de outros conceitos a partir da reflexão sobre alguns fenômenos variáveis no português do Brasil, que são muito mais frequentes do que se pode imaginar.

Um fenômeno em variação bastante perceptível é o da alternância entre os pronomes pessoais ‘tu’ e ‘você’ para a expressão pronominal de segunda pessoa (P2).

Utilizamos neste livro a nomenclatura de Mattoso Camara Jr. (1987 [1970]) para nos referirmos às pessoas do discurso: P1 para 'eu', P2 para 'tu'/'você', P3 para 'ele(a)', P4 para 'nós'/'a gente', P5 para 'vós'/'vocês' e P6 para 'eles(as)'. As formas identificadas como P1 e P4 correspondem ao eixo do falante (ou daquele que escreve), as formas P2 e P5 correspondem ao eixo do ouvinte (ou daquele que lê) e às formas P3 e P6, às que estão fora do eixo falante-ouvinte.

Se prestarmos atenção, veremos que, dependendo da origem de uma pessoa ou, por vezes, do grau de formalidade com o qual ela nos trata, podemos ouvi-la se referindo a nós tanto por 'tu' quanto por 'você'. A alternância entre as duas formas pode ser percebida, por exemplo, em entrevistas na tv ou quando conversamos online com amigos num *chat*. As formas são diferentes, mas não há dúvida de que ambas estão sendo usadas com o mesmo propósito: o de referir à segunda pessoa (P2). O que ocorre aí nada mais é do que o fenômeno que discutimos até agora: a **variação linguística**.

A variação linguística é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado. Para um sociolinguista, o fato de em uma comunidade, ou mesmo na fala de um único indivíduo, conviverem tanto a forma 'tu' quanto a forma 'você' não pode ser considerado marginal, acidental ou irrelevante em termos de pesquisa e de avanço de conhecimento. A variação é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre os falantes – o que podemos perceber quando observamos que as pessoas à nossa volta falam de maneiras diferentes, mas sempre se entendendo perfeitamente.

De fato, palavras ou construções em variação, em vez de comprometerem o mútuo entendimento, são ricas em significado *social* e têm o poder de comunicar a nossos interlocutores mais do que o significado referencial/representacional pelo qual “disputam”. As diferentes formas que empregamos ao falar e ao escrever dizem, de certo modo, quem somos: dão pistas a quem nos ouve ou lê sobre o local de onde viemos, o quanto estamos inseridos na cultura letrada dominante de nossa sociedade, quando nascemos, com que grupo nos identificamos, entre várias outras informações.

É essa realidade que o sociolinguista tenta captar, sem qualquer tipo de ideia pré-concebida, tanto como linguista – erroneamente considerando, por exemplo, que a variação é mero acidente na língua, que não pode ser estudada com rigor – quanto como cidadão – equivocadamente acreditando, por exemplo, que um falante que diz 'nós vai' tem menos capacidade de pensar e de se expressar do que o falante que diz 'nós vamos'. A postura aberta à pesquisa e isenta de preconceitos é, como este livro busca demonstrar, uma das maiores contribuições que a Sociolinguística tem a nos fazer quando trabalhamos com o ensino de língua materna e quando tentamos compreender e, sobretudo, combater o *preconceito linguístico* em nossa sociedade.

Esse é o olhar sobre a língua e sobre a variação linguística que um sociolinguista adota ao trabalhar com dados produzidos por falantes em uma comunidade. Seu objetivo é descobrir quais os mecanismos que regulam a variação, como ela interage com os outros elementos do sistema linguístico e da matriz social em que ocorre e como a variação pode levar à mudança na língua.

E quais são os meios pelos quais atingimos esses objetivos? Bem, a pesquisa sociolinguística variacionista envolve uma metodologia refinada, com etapas bem definidas, cujo objetivo é colher corretamente os dados que servirão como fonte das análises e tratá-los de modo adequado para que cheguemos a resultados e conclusões confiáveis – como veremos no capítulo “Metodologia da pesquisa sociolinguística”.

Retomemos nosso exemplo de variação para estabelecermos uma distinção importante: aquela entre *variável* e *variante*. Comumente chamamos de **variável** o lugar na gramática em que se localiza a variação, de forma mais abstrata; no exemplo visto anteriormente, em que mencionamos a variação entre os pronomes 'tu' e 'você', a variável com a qual estamos lidando é a “expressão pronominal de P2”. Chamamos de **variantes** as formas individuais que “disputam” pela expressão da variável – no caso, os pronomes 'tu' e 'você'.

### *Variantes*

Dois requisitos devem ser cumpridos para que duas ou mais formas possam ser chamadas *variantes*:

1. Elas devem ser intercambiáveis no mesmo contexto;
2. Elas devem manter o mesmo significado referencial/representacional.

Como ilustração, vejamos mais um fenômeno variável do português falado no Brasil: a monotongação dos ditongos decrescentes.

Pensem na palavra 'peixe'. Temos duas pronúncias possíveis para essa palavra: *peixe* e *pexe*. Note-se que, independentemente da pronúncia, o significado referencial/representacional da palavra se mantém: tanto *peixe* quanto *pexe* se referem a um animal vertebrado, aquático, que respira por brânquias. Logo, nesse exemplo, estamos diante de duas variantes de uma variável: o ditongo [ey] e a vogal [e]. Elas são intercambiáveis, ou seja, podem ser trocadas uma pela outra, sem prejuízo da manutenção do significado referencial/representacional.

Se pensarmos no ditongo [ey] na palavra 'peito', será que temos o mesmo caso?

Vejamos. Se pronunciarmos [e] no lugar de [ey], teremos a palavra 'peto', que não tem o mesmo significado de 'peito'. 'Peto', de acordo com o dicionário Houaiss, tem quatro acepções e nenhuma delas coincide com o significado de 'peito', que é uma parte do corpo. Nesse caso, portanto, o ditongo [ey] e a vogal [e] não são variantes de uma mesma variável, pois se trocarmos uma pronúncia pela outra não manteremos o mesmo significado referencial/representacional.

Em um caso de variação, as formas variantes costumam receber valores distintos pela comunidade. Trabalharemos com o significado social das variantes no capítulo seguinte, mas por enquanto vale estabelecermos a diferença entre **variantes padrão e não padrão**. As variantes padrão são, *grosso modo*, as que pertencem às *variedades cultas* da língua; já as variantes não padrão costumam se afastar dessas variedades. Mesmo que não seja a variante mais usada por uma comunidade, a variante padrão é, em geral, a variante de **prestígio**, enquanto a não padrão é muitas vezes **estigmatizada** – pode haver comentários negativos à forma ou aos falantes que a empregam. Ademais, as variantes padrão tendem a ser **conservadoras**, fazendo parte do repertório linguístico da comunidade há mais tempo, ao passo que as variantes não padrão tendem a ser **inovadoras**.

---

### *Variantes padrão e não padrão: uma ressalva*

Observamos que a variante padrão tende a ser prestigiada e conservadora, ao passo que a variante não padrão tende a ser estigmatizada e inovadora. Vale ressaltar, contudo, que essas são *tendências* – nem sempre a realidade que observamos reflete essas tendências. Vejamos o caso, por exemplo, da variável "expressão pronominal de P4", cujas variantes são, atualmente, os pronomes 'nós' e 'a gente'. Claramente, a variante padrão é 'nós'. Ela goza de prestígio e é a forma conservadora, que está há mais tempo na língua. Por sua vez, 'a gente' é a variante não padrão, que sofre mais estigma e é inovadora. Note-se, contudo, que o estigma de 'a gente' tem se perdido e que essa variante tem sido usada também em contextos mais formais, nos quais figurava apenas a forma 'nós'. Estamos vendo, portanto, a *tendência* que mostramos anteriormente sendo relativizada.

---

Mais um aspecto importante relacionado à variação é o fato de que ela não está limitada a apenas um dos níveis da gramática: quando tratamos da dimensão interna da variação linguística, encontramos variação no nível fonológico, bem como no morfológico, no sintático, no lexical e no discursivo. Ocorrem, ainda, fenômenos variáveis situados no que podemos chamar de *interfaces* de níveis, como o nível morfossintático e o morfofonológico.

Agora que já tratamos dos conceitos de *variação*, de *variedade*, de *variável* e de *variante*, passemos ao exame dos meios pelos quais as formas variantes de uma variável entram em disputa pela expressão de um significado: os *condicionadores linguísticos e sociais*.

### 1.3 As forças que agem sobre a língua: os condicionadores

Já sabemos que a variação ocorre em todos os níveis da gramática e que falantes pertencentes a grupos diferentes (determinados por questões sociais e geográficas, entre outras) irão apresentar diferentes variedades. A essa altura, é pertinente nos questionarmos: a variação linguística é aleatória, acontece por acaso? Ou existe algo que motive um grupo ou mesmo um indivíduo a falar da maneira como fala?

... primeira resposta e não, a variação linguística não é aleatória, não acontece por acaso. Existem *regras* que a regem – e é por isso que os falantes se compreendem entre si, mesmo que sua fala seja variável. A segunda resposta é que existem forças dentro e fora da língua que fazem um grupo de pessoas ou um único indivíduo falar da maneira como fala. A essas forças damos o nome de **condicionadores**.

Os condicionadores, em um caso de variação, são os fatores que regulam, que *condicionam* nossa escolha entre uma ou outra variante. É o controle rigoroso desses fatores que nos permite avaliar em que tipo de ambiente, tanto linguístico quanto extralinguístico, uma variante tem maior probabilidade de ser escolhida em detrimento de sua(s) “rival(is)”.

Os condicionadores ajudam o analista a delimitar quais são os contextos mais propícios para a ocorrência das variantes em estudo. Eles são divididos em dois grandes grupos, em função de serem mais ligados a aspectos *internos* da língua ou *externos* a ela. No primeiro caso, são também chamados de condicionadores *linguísticos*. Como exemplos, temos a ordem dos constituintes em uma sentença, a classe das palavras envolvidas no fenômeno em variação, aspectos semânticos etc. No segundo caso, são também chamados de condicionadores *extralinguísticos*. Entre os condicionadores extralinguísticos de natureza social, os mais comuns são o sexo/gênero, o grau de escolaridade e a faixa etária do informante.

### *Um pouco de terminologia*

Mencionamos que a pesquisa sociolinguística, em geral, lida com uma quantidade considerável de dados, o que requer uma análise estatística. O linguajar próprio do método estatístico é, por vezes, incorporado à terminologia que adotamos na Sociolinguística Variacionista.

Os condicionadores linguísticos e extralinguísticos, numa pesquisa sociolinguística, são também chamados de **variáveis independentes** (ou *grupos de fatores*), enquanto a variável propriamente dita (ou seja, aquela que corresponde ao lugar da gramática em que ocorre a variação, como a “expressão pronominal de P2”, por exemplo), também pode ser tratada por **variável dependente**.

As variáveis independentes, como o nome sugere, idealmente não apresentam uma relação de dependência entre si. Já

a variável dependente, também como o nome sugere, *depende* de sua relação com as variáveis independentes, afinal, são estas que *condicionam* a forma de realização daquela.

Com o controle refinado da frequência de ocorrência das variantes, e em função dos condicionadores linguísticos e extralinguísticos selecionados para nossa análise, podemos traçar um quadro respaldado por resultados quantitativos precisos de quais condicionadores favorecem ou desfavorecem a ocorrência das formas que concorrem para a expressão de uma variável.

Para mostrarmos isso de modo mais claro, retomemos o exemplo da variação entre ‘tu’ e ‘você’. Que aspectos do próprio sistema linguístico e/ou da sociedade que o emprega poderiam influenciar a escolha de uma das duas formas?

A região de origem do falante parece ser decisiva nesse caso: há diversas regiões do país cujos falantes empregam apenas ‘você’, outras em que o ‘tu’ é predominante e outras em que as duas formas convivem, havendo uma diferenciação no uso por conta de outros fatores – o grau de intimidade entre os interlocutores e o grau de formalidade da situação comunicativa, por exemplo. Temos aí três condicionadores externos ao sistema linguístico (a região, o grau de intimidade e o grau de formalidade), os quais, numa pesquisa sociolinguística, são pistas essenciais ao analista para desvendar os mecanismos da variação.

E quanto aos fatores intrínsecos ao sistema linguístico? Que condicionadores internos poderíamos considerar em um estudo sobre essa variável?

Pesquisas sociolinguísticas têm mostrado que o traço semântico do pronome pode favorecer o uso de uma das variantes: ‘você’ é mais utilizado com caráter genérico e ‘tu’, com traço mais específico. Muitas vezes usamos um pronome de segunda pessoa para referirmos não ao nosso interlocutor, mas a qualquer pessoa – esse é um uso genérico. Por exemplo, em “Hoje em dia você tem água encanada e luz elétrica em quase todas as residências do Brasil”, certamente esse *você* não se refere ao interlocutor; poderia, inclusive, ser trocado por outras estratégias de indeterminação, como “Hoje em dia tem-se água encanada e luz elétrica em quase todas as residências do Brasil” ou mesmo “Hoje em dia tem água encanada e luz elétrica em quase todas as residências do Brasil”. Já em “Eu me esforço para agradecer você”, temos um uso específico, cujo referente é apenas o interlocutor.

É essa, em suma, a postura investigativa que se adota no trabalho com a Sociolinguística. Com ela, identifica-se uma variável no uso corrente da língua

de uma comunidade; identificam-se, a seguir, as variantes dessa variável; a partir das hipóteses que elaboramos quanto aos condicionadores que possam estar em jogo no favorecimento ou desfavorecimento das variantes, prossegue-se à coleta de dados reais de fala e, posteriormente, à sua análise, para confirmação ou refutação das hipóteses iniciais. Mas essa é somente uma síntese. Uma pesquisa sociolinguística deve ir muito além disso se quiser efetivamente esclarecer um pouco mais sobre a complexa relação que há entre língua e sociedade através do estudo da variação e da mudança linguística.

A Sociolinguística assume, portanto, que existe uma forte correlação entre os mecanismos internos da língua e fatores externos a ela, tanto de uma ordem “micro”, envolvendo nosso grau de contato e de identificação com os grupos com os quais interagimos no dia a dia, quanto de uma ordem “macro”, relacionada a uma estratificação social mais ampla.

### *Síntese dos primeiros passos*

Para entendermos a perspectiva da Sociolinguística sobre a língua, é necessário abandonar alguns (pré)conceitos e aprender a ver a língua não como uma estrutura pronta, estanque e imutável, mas como uma estrutura que aceita variações, que não se concretiza sempre da mesma forma. Nossos primeiros passos, até agora, buscaram criar familiaridade com algumas ideias, dentre elas as de que:

- a língua é um sistema dotado de variação;
- sendo um sistema, a língua é constituída por um conjunto estruturado de regras (categóricas e variáveis);
- as variantes que disputam pela expressão de uma variável podem ser mais ou menos usadas, dependendo do ambiente linguístico e/ou extralinguístico;
- explicações para as escolhas dos falantes por uma ou outra variante linguística são buscadas pelo controle de fatores condicionadores (variáveis independentes);
- a natureza do sistema é probabilística, o que pressupõe o emprego de técnicas quantitativas para a observação das regularidades que o regem.

Nas próximas seções, vamos conferir a aplicação dos conceitos que acabamos de apresentar na análise de fenômenos em variação no português falado no Brasil, assim como de alguns fenômenos variáveis no inglês

americano. O objetivo é examinar a variação linguística em sua dimensão interna – na qual verificamos os níveis gramaticais de análise (lexical, fonológico, morfológico, sintático e discursivo) e os condicionadores internos – e em sua dimensão externa – na qual observamos a interação dos condicionadores externos com os fenômenos variáveis.

## 2. A VARIAÇÃO VISTA DE DENTRO DA LÍNGUA

A partir de agora, vamos tratar da variação em função dos diferentes níveis linguísticos em que ocorre:

- variação lexical;
- variação fonológica;
- variação morfofonológica, morfológica e morfossintática;
- variação sintática;
- variação discursiva.

Em seguida, veremos como os condicionadores internos, aqueles que são inerentes à língua, atuam nos fenômenos em variação. Ao longo de nossa discussão, vamos percorrer alguns estudos realizados sobre fenômenos variáveis no português do Brasil.

### 2.1 O lugar da variação dentro da língua: os níveis de análise linguística

Observando com atenção os fenômenos em variação que temos visto até agora, percebemos que existem diferenças com relação ao lugar da gramática ocupado pelas *variáveis* e à natureza de suas *variantes*. A partir deste momento, veremos um a um esses lugares, que equivalem aos níveis da gramática, e assim progrediremos em nosso conhecimento sobre a Sociolinguística.

Vamos começar tratando da **variação lexical**, que, em geral, apresenta fenômenos bastante perceptíveis e muitas vezes até divertidos de serem observados.

É certo que, quando se fala em variação linguística, os exemplos que costumam vir primeiro à mente dizem respeito ao nível do léxico, ou seja, das palavras que compõem uma dada língua, quase sempre associados à variação regional. A mesma realidade é representada, conforme a região,

por palavras diferentes. Mas há também usos variados conforme a situação, mais formal ou menos formal, em que se está falando, associados, portanto, à variação estilística. Listamos alguns casos de variação no nível lexical; note-se que temos sempre duas ou mais variantes para cada variável:

#### *Exemplos de variação lexical*

- abóbora, jerimum;
- bergamota (ou vergamota), tangerina, laranja-cravo, mimosa;
- mandioca, aipim, macaxeira;
- pão francês, pão de trigo, cacetinho, filãozinho;
- banheiro, toaleta, w.c., casinha;
- coisa, troço, trem;
- estojo, penal;
- pandorga, pipa, papagaio;
- vaso, bacio, privada.

As maiores contribuições para o estudo da variação no nível do léxico têm sido oferecidas a partir de estudos geolinguísticos de diferentes regiões do Brasil. Esses estudos, já desde os trabalhos pioneiros do filólogo Antenor Nascentes, na década de 1950, têm como propósito a elaboração de um atlas linguístico do Brasil, com o mapeamento das diferentes áreas linguísticas do português brasileiro.

#### *A Geolinguística e a elaboração de mapas*

Atualmente, temos em formação o ALIB (Atlas Linguístico do Brasil), um projeto de grandes proporções que conta com a participação de dialetólogos de diferentes regiões do país. Há também atlas linguísticos regionais, como o ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul), o ALIMA (Atlas Linguístico do Maranhão) e o ALIPA (Atlas Linguístico do Pará).

Nesta última década, estudos que unem a metodologia de pesquisa da Geolinguística e a da Sociolinguística, chamados de geossociolinguísticos, têm sido bastante comuns, tanto para dar conta de fenômenos lexicais como de fenômenos fonológicos, morfofonológicos e morfosintáticos em variação.

A coleta de dados para a formação dos atlas linguísticos é feita, em geral, a partir de respostas a questionários, como, por exemplo, os questionários semântico-lexicais (QSL), compostos de perguntas distribuídas em campos semânticos diferentes. A divisão do QSL em campos semânticos é uma tentativa de captar a **diversidade lexical** de cada microrregião dos estados do Brasil, tendo em vista fatores históricos de colonização e particularidades relativas aos diversos campos da atividade humana (economia, política, trabalho, cultura etc.).

O que a análise da distribuição geográfica de formas lexicais tem permitido, portanto, é a delimitação de áreas lexicais, ou seja, de zonas de um território que se caracterizam por apresentarem vocábulos que não ocorrem em outras. As áreas lexicais, contudo, não são delimitadas por fronteiras fixas e imutáveis; elas se sobrepõem, na medida em que os diferentes falares se interseccionam.

Vale ressaltar que, na classificação dos dialetos em geral, os aspectos lexicais são menos sistematizáveis do que os fonético-fonológicos, morfológicos ou sintáticos, visto que esses últimos são regulados por condicionadores internos, além dos externos, enquanto os lexicais estão intimamente ligados a fatores extralinguísticos, de caráter cultural, sobretudo etnográficos e históricos.

Tendo observado alguns exemplos de como se dá a variação no nível lexical, vamos passar a outro nível linguístico: o fonológico.

Vários estudos sociolinguísticos atestam **variação fonológica** em diversos fenômenos do português do Brasil. Para exemplificar esse tipo de variação; observe a troca de <lh> por <i> nas palavras

*paia* (por 'palha')    *muié* (por 'mulher')  
*veia* (por 'velha')    *foia* (por 'folha')    *trabaio* (por 'trabalho')

Esse fenômeno – chamado de *despalatalização* – consiste na perda de palatalização (<lh> passa para <l>: *palha* > *palia*), seguida de *iota-cismo* (evolução de um som para a vogal /i/ ou para a semivogal correspondente: *palia* > *paia*). Existe uma aproximação entre os pontos de articulação da palatal /ʎ/ (que na escrita representamos por <lh>) e da semivogal /y/, o que justifica linguisticamente essa variação. Assim, em certos contextos, o traço palatal passa a ser articulado como alveolar ou como uma semivogal. A despalatalização é apenas um exemplo de variação fonológica verificado no português do Brasil; no quadro a seguir, há outros. Você pode ainda ampliar esse quadro pesquisando sobre outras variáveis fonológicas.

### Exemplos de variação fonológica

- **Síncope:** supressão de um segmento sonoro no interior da palavra. Há uma tendência de as proparoxítonas se igualarem às paroxítonas, que são muito mais frequentes na língua portuguesa. Como exemplos, temos casos como *relampo* (por 'relâmpago'), *fosfro* (por 'fósforo'), *abobra* (por 'abóbora'), *arve* (por 'árvore'), *figo* (por 'fígado') etc. Na passagem do latim para o português, temos casos como *insula* > *ilha*, *littera* > *letra* etc.;
- **Monotongaço:** transformação ou redução de um ditongo em uma vogal. Podemos ter a transformação do ditongo /ow/ para /o/, como *poco* (por 'pouco'), *ropa* (por 'roupa'), *low/* para /o/, como *poco* (por 'pouco'), *ropa* (por 'roupa'), *cenora* (por 'cenoura') etc.; de /ey/ para /e/, como em *manteiga* (por 'manteiga'), *bejo* (por 'beijo'), *brasileiro* (por 'brasileiro') etc.; e de /ay/ para /a/, como em *caxa* (por 'caixa'), *baixo* (por 'baixo') etc.;
- **Alçamento das vogais médias pré-tônicas:** elevação das vogais pré-tônicas por influência de uma vogal em sílaba subsequente. É o caso, por exemplo, de *minino* (por 'menino'), *curuja* (por 'coruja'), *piru* (por 'peru'), *tisoura* (por 'tesoura'), *subrinho* (por 'sobrinho') etc.;
- **Epêntese vocálica:** emissão de uma vogal entre consoantes. É o que encontramos em *obiter* (por 'obter'), *pineu* ou *peneu* (por 'pneu'), *advogado* ou *adevogado* (por 'advogado'), *ritimo* (por 'ritmo') etc.;
- **Rotacismo:** troca da consoante [l] pela consoante [r], como ocorre em *pranta* (por 'planta'), *Framengo* (por 'Flamengo'), *probrema* (por 'problema'), *bicicreta* (por 'bicicleta') etc. Embora seja um fenômeno estigmatizado, é bastante frequente não só no português falado atualmente no Brasil como na trajetória do latim para o português, em que encontramos os exemplos *duplu* > *dobro*, *blancu* > *branco*, *ecclesia* > *igreja*, entre outros.

Outro nível linguístico em que podemos verificar variação é o morfológico.

Começemos esta conversa relembando a definição clássica de morfema: *unidade mínima significativa*. Vamos considerar como **variação morfológica** aquela alteração que ocorre num morfema da palavra. Parece fácil, não é? Vamos examinar alguns dados.

Pensemos no caso do gerúndio, em que temos o fenômeno fonológico da *assimilação*:

*cantano* (por 'cantando') *correno* (por 'correndo') *sorrino* (por 'sorrindo')

Sabemos que *-ndo* é o morfema verbal que indica gerúndio. Nos três exemplos, esse morfema sofre uma redução para *-no*, com a queda do fonema /d/. E agora: será um caso de variação fonológica ou morfológica?

A mesma indagação pode ser feita em relação aos seguintes fenômenos em variação, muito frequentes no português do Brasil:

- a. *andá* (por 'andar'), *vendê* (por 'vender'), *parti* (por 'partir');
- b. eles *anda* (por eles 'andam'), eles *vendi* (por eles 'vendem'), eles *parti* (por eles 'partem');
- c. tu *anda* (por tu 'andas'), tu *vende* (por tu 'vendes'), tu *parte* (por tu 'partes');
- d. *você* *anda* (por 'tu anda(s)') e *a gente* *anda* (por 'nós anda(mos)').

Em (a), temos a supressão do *-r* que marca o infinitivo nos verbos. Trata-se, pois, de um morfema verbal. Nesse caso, temos claramente a falta do morfema de infinitivo nas realizações 'andá', 'vendê' e 'parti'. Podemos concluir que há uma coincidência: *-r* representa um fonema e também um morfema nesses dados. Se opusermos esses casos à palavra 'revolve' (por 'revólver'), por exemplo, veremos que neste último exemplo a queda do *-r* é um fato apenas fonológico, pois *-r* não é um morfema, e sim parte do radical da palavra.

Em (b), a não realização de *-m*, uma desinência verbal que indica P6, representa uma alternância morfêmica. Já em casos como 'homi' (por 'homem') e 'viagi' (por 'viagem'), o *-m* é só um fonema. Nas duas situações um fonema deixou de ser pronunciado: na primeira esse fonema é também um morfema, e na segunda trata-se apenas de um fonema.

Em (c), a não realização de *-s* é uma alternância morfêmica, pois *-s* é uma desinência (um morfema, portanto) que representa a segunda pessoa do discurso (P2) nos três verbos. Em casos como 'andamo', 'vendemo', 'partimo' (por 'andamos', 'vendemos', 'partimos'), a desinência verbal que indica P4 é *-mos*. Houve queda de *-s*, restando a marca *-mo*. Apenas o fonema deixou de ser pronunciado. O mesmo acontece em palavras como 'lápi' (por 'lápiz') e 'doi' (por 'dois'), por exemplo: a queda do *-s* é apenas fonológica.

Sabemos que quando a variação está só no âmbito do fonema, temos uma **variação fonológica**, mas quando vai também para o âmbito do morfema, que tipo de variação encontramos aí? Morfológica? Talvez fosse mais interessante dizer que, nesses casos, o que temos é uma **variação morfofonológica** – uma vez que os morfemas que caem são também fonemas. É um caso, portanto, de **interface**, que ocorre quando um caso de variação abarca dois ou mais níveis gramaticais.

Mas quando dizemos que a referência a P2 em ‘tu anda’ e a referência a P6 em ‘eles anda’ é dada na relação que se estabelece entre pronome e verbo – é o pronome que carrega o significado de pessoa do verbo – já saímos do campo da morfologia e vamos para o campo da sintaxe, ou melhor, da morfossintaxe. Temos aqui, portanto, um caso de **variação morfofossintática** – outra situação de interface.

Por outro lado, se a variável escolhida for, por exemplo, a alternância entre os pronomes ‘tu’ e ‘você’ ou entre ‘nós’ e ‘a gente’, como vimos em (d), temos um caso de **variação morfológica** e não um caso de interface. Afinal, é uma alternância de forma pronominal, apenas.

Note-se, pois, que os fenômenos em variação morfológica são, em sua maioria, casos de variação morfofonológica ou morfofossintática. Resaltamos, dentre os estudos em interfaces, os trabalhos pioneiros dos sociolinguistas Anthony Naro e Marta Scherre sobre a variação na concordância nominal e verbal, com dados do Sudeste. Com relação à variação morfológica, destacam-se, entre outros, trabalhos do grupo de sociolinguistas da UFRJ, como os de Célia Lopes sobre variação pronominal, com dados de fala e de escrita também do Sudeste.

Passamos agora à variação linguística no nível da sintaxe. Vamos mostrar, brevemente, certos fenômenos que estão em **variação sintática** para discutirmos posteriormente.

#### *Exemplos de variação sintática*

- a. Construções relativas: “O filme *a que* me referi é muito bom”/“O filme *que* me referi é muito bom”/“O filme que me referi *a ele* é muito bom”.
- b. Posição do clítico: “Eu *vi-o* no cinema”/“Eu *o* vi no cinema”.

O estudo sobre a variação nas orações relativas realizado por Fernando Tarallo na década de 1980 foi um dos primeiros trabalhos de Sociolinguística no âmbito da variação na sintaxe feitos no Brasil. Tarallo mostrou que as três construções ilustradas anteriormente em (a) estão em variação no português falado no Brasil e são condicionadas principalmente por fatores extralinguísticos. Seus resultados indicaram que a relativa padrão (“O filme *a que* me referi é muito bom”) parece estar deixando de ser usada na linguagem espontânea; sua substituta é a chamada “relativa cortadora” (“O filme *que* me referi é muito bom”), enquanto a relativa com pronome lembrete (“O filme *que* me referi *a ele* é muito bom”) é geralmente usada por falantes menos escolarizados e sofre estigma na sociedade.

Outro fenômeno de variação na sintaxe que tem levantado muitos questionamentos é a posição do clítico em relação ao verbo, como nos exemplos “Eu *vi-o* no cinema”/ “Eu *o* vi no cinema”. No primeiro caso, temos *ênclise* (posição pós-verbal) e, no segundo, temos *próclise* (posição pré-verbal). Estudos sociolinguísticos têm mostrado que a próclise (“Eu *o* vi no cinema”) é mais frequente no português falado no Brasil, especialmente quando o sujeito está anteposto ao verbo (seja esse sujeito um nome ou um pronome – sujeito nominal e pronominal, respectivamente), e não a ênclise (“Eu *vi-o* no cinema”), embora esse último uso, do ponto de vista do senso comum, seja mais bem avaliado.

Até agora, examinamos fenômenos variáveis no âmbito do léxico e dos níveis gramaticais – fonológico, morfológico (e suas interfaces) e sintático. Dependendo da visão de gramática assumida, o nível de análise pode ser expandido para além da frase, de modo a abarcar também porções textuais ou discursivas maiores. Nesse caso, aspectos semântico-pragmáticos (que envolvem a significação e o contexto situacional) também são considerados. Apresentamos, a seguir, alguns fenômenos variáveis na dimensão textual/discursiva, casos que enquadramos como **variação discursiva**.

Dados interessantes são encontrados com relação às palavras que encadeiam trechos discursivos, desempenhando o papel de conectores, como conjunções (‘e’, ‘mas’, ‘porque’, ‘portanto’ etc.), expressões de natureza adverbial (‘ai’, ‘assim’, ‘afinal’, ‘então’, ‘consequentemente’, ‘quanto a’, ‘por outro lado’ etc.), marcadores discursivos (‘quer dizer’, ‘digamos assim’ etc.), entre outros, usados na fala e na escrita.

O conjunto de exemplos a seguir, produzido por informantes (que são os sujeitos de uma pesquisa) florianopolitanos, ilustra usos variáveis dos itens ‘e’, ‘aí’, ‘daí’ e ‘então’ na função de ‘coordenação em relação de continuidade e consonância’, estabelecendo uma relação coesiva entre uma informação precedente e outra subsequente dentro de um texto. Os dados, extraídos da tese de Maria Alice Tavares (2003), são provenientes de amostras orais do Varsul (Variação Linguística na Região Sul do Brasil). Mais adiante, serão apresentados alguns bancos de dados brasileiros, de onde provêm as amostras de fala e escrita que muitos sociolinguistas analisam em suas pesquisas; o Varsul é um desses bancos de dados.

- (1) Aí a minha mãe: “Ah! pois é, mas eu tenho que dar baixa nessa carteira.” Aí o cara falou: “É, mas a senhora não quer nada?” E a minha mãe disse: “Quer nada o quê?” “É porque nós somos obrigados a vender um ônibus desses pra pagar ele, porque a- a carteira dele não está dando baixa, ninguém deu baixa, né?”
- (2) A costureira não quis fazer, então eu e a minha irmã – A minha irmã não sabe costurar muito bem, daí ela disse pra ele assim: “Não, mas quando que nós vamos fazer serão”. A minha irmã disse pra ele: “Como nós vamos fazer esse serão, se não tem costureira?” Daí ele disse: “Ah, vocês não querem fazer, então dá a carteira que eu dou as contas.”
- (3) Mas ele insistiu e disse: “Olha, tem uma equipe de São Paulo, lá, do Professor Odair Pedroso, se for necessário nós podemos lhe mandar pra São Paulo fazer um curso.” Então eu disse: “Se é assim, se desejam assim, eu posso tentar, se não decepcionar.” Então eu fiquei realmente três meses em treinamento com a equipe do Professor Odair Pedroso num- no Hospital Celso Ramos.

Em todos os casos, os elementos em variação (‘e’, ‘aí’, ‘daí’ e ‘então’) estão no mesmo contexto, o de introdução de discurso direto (precedendo os verbos *falar/dizer*), dando sequência, de modo coesivo, ao texto. Note-se que, nessa função, eles são intercambiáveis, atuando, portanto, como *variantes* que constituem uma mesma *variável* linguística. No entanto, se vistos isoladamente, dificilmente diríamos que seriam variantes. Provavelmente, seria feita a seguinte classificação, baseada nas gramáticas normativas tradicionais:

- e = conjunção coordenativa
- aí, daí = advérbios de lugar
- então = advérbio de tempo

Isso mostra o quanto é importante se considerar o contexto *real* de ocorrência dos dados que queremos analisar.

Vejamus outro exemplo de variação no nível discursivo. Os dados, produzidos por informantes da cidade de Lages, em Santa Catarina, são também oriundos de amostras orais do Varsul e foram extraídos da tese de Cláudia Rost Snichelotto (2009). Vejamos:

- (4) Então, daí são confeccionados colchões, [são <confecci>] são confeccionados cobertores, né? pra enfrentar o frio dessa terra aqui. Porque *olha*, é frio mesmo no inverno. Pode ver a lareira, ainda não foi Ainda tem o vestígio do inverno porque não foi lavada ainda.
- (5) Daquele dia em diante ele não fumou mais. [Ele não foi mais] ele não entrou nem num bar mais. Verdade. Eu fiquei. Agora você vê, né? a gente. Por isso que eu digo: “Deus, o que ele tem pra gente, pra vida da gente, pra pessoa eu acho que, né?” eu acho que ele escolhe decerto a pessoa, né? A pessoa é escolhida, por Deus, né? Esse foi escolhido, porque *vê*: ele chegou de lá, aquele dia mesmo ele não deitava sem se ajoelhar [na] assim na beira da cama dele, orar, ler a Bíblia. E ao meio dia assim no almoço e tudo, às vezes os pais precisam <tava> estar dizendo ore ou, né? faça uma oração. Nunca mais ele deixou isso aí, orar [na hora da] antes [de] do almoço, quando senta na mesa. [...]

Os marcadores discursivos são elementos que servem não apenas à organização da fala e à manutenção da interação entre falante e ouvinte, mas também que atuam no encadeamento coesivo das partes de um texto. Os itens destacados ‘olha’ e ‘vê’ são usados para chamar a atenção do interlocutor sobre a informação que está sendo veiculada. Eles têm caráter textual-interativo, pois ao mesmo tempo em que chamam a atenção do interlocutor também auxiliam no estabelecimento de relações coesivas de causalidade, inclusive com a presença do conector ‘porque’ nos dois trechos. Os itens ‘olha’ e ‘vê’ funcionam como variantes, nesse caso. Observe-se que ambos são marcadores discursivos derivados de verbos de percepção visual.

Existem ainda expressões de caráter discursivo como ‘mas bah!’, ‘pô, cara, aí...’, ‘orra meu!’, ‘meu rei’, entre outras, que são facilmente associadas a falantes gaúchos, cariocas, paulistas e baianos, respectivamente, constituindo-se em variantes regionais. Muitas vezes, ainda, os marcadores discursivos são chamados de *vícios de linguagem* nas gramáticas normativas.

Agora que já vimos exemplos de variação nos diferentes níveis da gramática, vamos passar aos condicionadores linguísticos.

## 2.2 As forças de dentro da língua: os condicionadores internos

Como vimos anteriormente, os condicionadores, em um caso de variação, são os *fatores* que regulam a escolha do falante entre uma ou outra variante. Assim como os fenômenos variáveis se situam em diferentes níveis linguísticos, também os condicionadores que atuam sobre as variáveis podem ser de diferentes níveis. A partir de agora, vamos examinar alguns desses condicionadores, começando pelos do nível fonético-fonológico.

É esperado que forças de um nível linguístico operem sobre fenômenos do mesmo nível, ou seja, nesse caso, que condicionadores fonético-fonológicos influenciem o uso de uma ou de outra variante fonológica. Retomando o exemplo da monotongação dos ditongos decrescentes; observemos as seguintes palavras:

*couve cenoura caixa baile beijo seiva peixe primeiro peito*

Todas elas apresentam um dos seguintes ditongos: /ow/, /ay/, /ey/. Se pronunciarmos cada uma delas procurando perceber se é possível fazer a redução do ditongo, ou seja, se é possível omitir a semivogal, iremos notar que em algumas palavras podemos facilmente fazer a redução (‘cove’, ‘cenôra’, ‘caxa’, ‘bejo’, ‘peixe’, ‘primeiro’) e em outras, não (‘baile’, ‘seiva’, ‘peito’). Que condicionador estaria atuando sobre esse uso variável?

Vários estudos sociolinguísticos já foram realizados descrevendo esse fenômeno de variação, dentre eles o de Silvio Cabreira (2000), na região Sul, os de Maria Conceição Paiva (1996, 2003), na cidade do Rio de Janeiro, e o de Fabiana de Souza Silva (2004), em João Pessoa. Vamos exemplificar com os resultados de Cabreira, que analisou dados de fala de Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba, pertencentes ao Varsul. O au-

tor constatou que, no caso do ditongo /ow/, há 96% de redução para /o/ (‘couve’ > ‘cove’), independentemente de qualquer condicionador interno.

Para os ditongos /ey/ e /ay/, Cabreira verificou que existe um forte condicionador para a redução: o *contexto fonológico seguinte*. Quando /ey/ é seguido de -r fraco (‘dinheiro’ > ‘dinhero’), há 98% de monotongação. Quando /ey/ e /ay/ são seguidos de consoante palatal surda /j/ ou sonora /ʒ/ (‘peixe’ > ‘pexe’; ‘beijo’ > ‘bejo’; ‘caixa’ > ‘caxa’), o percentual de monotongação na fala é de 66%. Praticamente não existe monotongação nesses ditongos quando seguidos de outros contextos fonológicos. O que podemos concluir? A monotongação dos ditongos decrescentes /ey/ e /ay/ é condicionada por pressões fonológicas – no caso, pelo contexto seguinte. Em outras palavras, o condicionador interno “contexto seguinte” é relevante para a escolha entre uma e outra variante no fenômeno de monotongação.

Mas os condicionadores fonético-fonológicos não atuam somente em fenômenos do nível fonológico. Vejamos, por exemplo, o caso da variação na concordância verbal de P6 – um fenômeno morfossintático. As ocorrências e os resultados mostrados a seguir são do trabalho de Marta Scherre e Anthony Naro (1997), que analisaram amostras de fala do banco de dados Censo/PEUL do Rio de Janeiro.

- (6) *Eles conhece Roma. Conhece Paris*
- (7) *Ceis conhecem?*
- (8) *Aí, veio aqueles cara correno atrás*
- (9) *Vieram os ladrões...*

Os verbos ‘conhecer’ e ‘vir’ ora apresentam desinência número-pessoal marcada (‘conhecem’/‘vieram’), ora não (‘conhece’/‘veio’). O que estaria condicionando essa variação?

Entre os condicionadores linguísticos, os autores constataram que a **saliência fônica** se mostra um forte condicionador da concordância verbal. Vejamos os pares de variantes: ‘conhece’/‘conhecem’ e ‘veio’/‘vieru’. Em qual par existe mais diferença fônica entre a forma singular e a plural? Note-se que, no primeiro par, a oposição se dá em sílaba átona e ocorre apenas o acréscimo de elemento nasal; no segundo, a oposição singular/plural se dá em sílaba tônica, além de haver outras mudanças como o timbre da vogal e mesmo uma mudança na raiz do verbo. Então, é notório que o primeiro par apresenta menor saliência fônica do que o segundo. Pois bem, os resultados

ua pesquisa apontaram que os falantes marcam mais a concordância quando a diferença singular/plural é mais saliente (88%); e marcam menos quando a diferença é menos saliente (44%). Logo, conclui-se que “saliência fônica” é um importante condicionador interno que atua na escolha por uma ou outra variante da variável “concordância verbal de P6”.

Vimos, portanto, um condicionador fonético-fonológico atuando sobre um fenômeno variável de natureza morfossintática. Consideremos, agora, as seguintes palavras:

*andar beber escolar revólver melhor porque tarde*

Se pronunciarmos essas e outras palavras em que o <r> ocorre em posição de coda, isto é, em final de sílaba (podendo ser no interior ou no final da palavra), veremos que é possível que não produzamos igualmente o <r> em todas elas. Trata-se, como já vimos, de outra regra variável do português falado no Brasil: a “realização do /r/ pós-vocálico” ou a “realização do /r/ em coda silábica”, cujas variantes são a *presença* e a *ausência do -r*. Que condicionadores linguísticos podem estar atuando sobre esse fenômeno?

Vamos comentar, brevemente, alguns resultados de duas pesquisas socio-linguísticas: a primeira, desenvolvida por Dinah Callou, João Moraes e Yonne Leite (1996), com dados do Nurc (Norma Linguística Urbana Culta) de cinco capitais brasileiras (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife), e a segunda realizada por Valéria Monaretto (2000) com amostras do Varsul das três capitais da região Sul. Entre os condicionadores testados nessas pesquisas, vamos destacar a **classe morfológica** – um **condicionador morfológico**, portanto.

Nos dados do Nurc foram consideradas duas classes de palavras – verbos e nomes. Vejamos alguns resultados mais significativos: em Porto Alegre, os autores encontraram 49% de apagamento do [r] em verbos e 14% em nomes; em São Paulo, 66% de apagamento em verbos e apenas 5% em nomes. Nos dados do Varsul, reunindo as três capitais do Sul, Monaretto considerou três classes de palavras – verbos, não verbos (nomes) e palavras funcionais (itens como ‘qualquer’, ‘porque’ etc.). A autora encontrou os seguintes resultados: 81% de apagamento da vibrante em verbos, 5% em nomes e 20% em palavras funcionais. O que podemos concluir?

Vemos que existe um comportamento diferenciado com respeito à supressão do [r] em função da classe de palavras: nos verbos (em que é um morfema) a vibrante tende a cair bem mais do que nos nomes (em que é apenas um

fonema). Portanto, a classe morfológica da palavra é um condicionador interno relevante para explicar a variável “realização do /r/ pós-vocálico”.

Já vimos exemplos de condicionadores fonético-fonológicos e morfológicos. Vamos ver agora um **condicionador sintático**: a **ordem dos constituintes** (ou posição) na sentença. Retomemos o fenômeno de concordância verbal de P6. Vejamos novamente alguns dados expostos anteriormente:

(6) *Eles conhece* Roma. Conhece Paris

(8) *Aí, veio aqueles cara* correno atrás

O que podemos notar quanto à posição do sujeito? É importante perceber que no primeiro exemplo o sujeito está anteposto e no segundo está posposto ao verbo. Os resultados dos autores apontam 82% de presença de marca verbal de concordância quando o sujeito está imediatamente à esquerda do verbo, como em (6); e apenas 26% de marca verbal quando o sujeito está posposto, como em (8). Esses resultados são corroborados em vários outros trabalhos que tratam da concordância verbal em amostras do português brasileiro de outras regiões.

Examinemos, a seguir, um condicionador semântico: a **animacidade**.

A animacidade corresponde a uma propriedade atribuída a um referente, que pode apresentar o traço [+animado] ou [-animado]. Por [+animado] entendem-se humanos, animais e objetos personificados, e por [-animado] entendem-se os referentes que não se enquadram em nenhuma dessas três categorias. Vamos ilustrar esse tipo de condicionamento com o estudo de Maria Eugênia Duarte (1989), que observou uma amostra de fala paulistana para analisar a variável “realização do objeto direto anafórico”. Vejamos as possibilidades de realização do objeto anafórico em dados fornecidos pela autora:

(9) *Ele veio do Rio só pra ver. Então eu fui ao aeroporto buscá-lo.* [*clítico*]

(10) *Eu amo o seu pai e vou fazer *ele* feliz.* [*pronomes lexical*]

(11) *Ele vai ver a Dondinha e o pai da Dondinha manda a Dondinha entrar...* [*Sintagma nominal (SN)*]

(12) *No cinema a ação vai e volta. No teatro você não pode fazer *isso*.* [*SN*]

(13) [*O Sinhozinho Malta está tentando convencer o Zé das Medalhas a matar o Roque...*] *Mas ele é muito medroso. Quem já tentou matar  $\emptyset$  foi o empregado da Porcina. Ontem ele quis matar  $\emptyset$ , a empregada é que salvou  $\emptyset$ .* [*SN  $\emptyset$ /Categoria vazia*]

Ao testar a atuação condicionadora do traço semântico *animacidade* sobre a forma de realização do objeto, os resultados obtidos evidenciam que o traço [+animado] do referente está associado à realização do objeto na forma de pronome lexical, como em (10), com uma taxa de 92%; ou na forma de clítico, como em (9), com um percentual de 78%. Por outro lado, o traço [-animado] do objeto favorece a sua realização como categoria vazia (13), com 76%, ou como SN (11) e (12), com um percentual de 70%. Logo, o uso do clítico e do pronome lexical é condicionado pelo traço [+animado] do objeto, enquanto o uso da categoria vazia e do SN é condicionado pelo traço [-animado] do objeto.

A seguir, expandimos a área de abrangência dos condicionadores para o nível textual/discursivo. Analisando a ordenação de orações adverbiais temporais introduzidas por 'quando', em amostra do Varsul, Edair Görski (2000) testou a atuação de um condicionador discursivo: o *tipo de escopo* da oração. Observe os seguintes dados, produzidos por informantes florianopolitanos e extraídos do referido trabalho:

(14) I: [...] Não, não tem clima, né? Dona Ana, o que que é isso? Ele fez muito! Ô!

E: Sim, falando em carnaval, tu pulaste carnaval também das escolas-entre as escolas?

I: Pulei. Quer ver ó, só voltando atrás. Na época que eu mais precisei dele, que eu mais precisava de um apoio, foi *quando a minha mãe morreu*.

(15) Aí ele estava com o rosto- ele estava horrível! Ele estava horrível! Estava assim irreconhecível. Ele- *quando ele se mexeu assim*, que ele se levantou em cima da cama, Deus que me perdoe, parecia uma cobra.

O exemplo em (14) representa um contexto em que a oração temporal é identificada como tendo *escopo semântico* mais localizado, relacionado à oração principal. Nesse caso, a informante recuperou um assunto anterior desenvolvido em torno do marido e não atende ao estímulo do entrevistador, que tenta trazer o tema "carnaval" para a conversa. A ocorrência (15) apresenta um *escopo temático* mais abrangente, relacionado tanto à oração principal quanto ao contexto precedente. A informante relata uma visita feita ao marido no hospital e a constatação das consequências de um acidente que ele sofrera. Os resultados percentuais em relação à ordem da

oração adverbial junto à principal mostram que o escopo temático favorece a anteposição da oração temporal, com 89% das ocorrências, do que o escopo semântico, com apenas 54%.

### Condicionadores e seu papel

Os dados expostos nesta seção atestam que a variação linguística não é caótica; pelo contrário, é ordenada e pode ser descrita criteriosamente a partir de *condicionadores*. Focalizamos aqui os condicionadores linguísticos, que atuam como forças dentro da língua. Vimos que cada fenômeno variável funciona em conformidade com certos condicionadores, que podem ser diferentes em cada caso. Vimos também que, assim como os fenômenos linguísticos podem estar em variação em diferentes níveis gramaticais, também os condicionadores atuam em diferentes níveis da língua. Cabe ao pesquisador sociolinguista descobrir as "regras de cada jogo".

Tratamos, até agora, daquilo que podemos chamar de *dimensão interna* da variação linguística. Vamos passar, a partir deste momento, a olhar para a variação em sua *dimensão externa*, em que observamos os tipos de variação linguística e os condicionadores externos.

### 3. A VARIACÃO VISTA DE FORA DA LÍNGUA

Os próximos tópicos de nossa conversa serão dedicados aos seguintes tipos de variação linguística:

- variação regional ou geográfica;
- variação social;
- variação estilística;
- variação na fala e na escrita.

Vale observar que essa classificação por tipos não implica que eles ocorram separadamente nem que sejam independentes da dimensão interna da variação. Normalmente, o que ocorre é uma combinação dos fatores que condicionam a forma como falamos. Na dimensão externa da variação, vamos estudar também os condicionadores extralinguísticos – aqueles que, como o

nome sugere, encontram-se fora da estrutura da língua. Os condicionadores extralinguísticos estão estreitamente relacionados aos tipos de variação; estes são decorrentes do controle desses condicionadores. Para a Sociolinguística, os fatores extralinguísticos são tão importantes quanto os linguísticos.

Por fim, mais adiante, ao apresentarmos o estudo que Labov fez na ilha de Martha's Vineyard, nos Estados Unidos, evidenciaremos que a variação linguística está, algumas vezes, relacionada à *identidade* que os falantes têm com as formas variantes.

### 3.1 O lugar da variação fora da língua e as forças externas: os tipos de variação e os condicionadores extralinguísticos

Vamos conhecer que tipos de variação podem resultar da influência de condicionadores extralinguísticos. Começemos com a variação que decorre da localização geográfica dos falantes.

É a **variação regional**, também conhecida por *variação geográfica*, ou ainda *variação diatópica*, a responsável por podermos identificar, às vezes com bastante precisão, a origem de uma pessoa pelo modo como ela fala. Através da língua, é possível saber que um falante é gaúcho, mineiro ou baiano, por exemplo. Mas o que exatamente nos permite fazer essa distinção?

O aparato teórico-metodológico da Sociolinguística nos equipa para que possamos sair de um nível impressionístico (e, às vezes, caricato) da variação geográfica e descobriremos quais são exatamente as marcas linguísticas que caracterizam a fala de uma região em relação à de outra. Em geral, itens lexicais particulares, certos padrões entoacionais e certos traços fonológicos respondem pelo fato de que falantes de localidades diferentes apresentem dialetos (ou seja, *variedades*) diferentes de uma mesma língua.

---

#### *O falante, a caricatura e o preconceito*

A variação geográfica é, muitas vezes, bastante saliente aos nossos ouvidos. Podemos dizer que a fala, assim como a vestimenta e outros hábitos culturais, são elementos importantes na identificação do povo de determinado lugar. Por esse motivo, é natural que encontremos, no campo das artes cênicas, atores que, para dar maior veracidade à sua interpretação,

durante a atuação incorporam à sua fala marcas linguísticas do suposto lugar de origem de seu personagem.

Exemplos de caricaturas baseadas na língua dos falantes podem ser encontrados com certa frequência em novelas e em programas humorísticos. É necessário, no entanto, olhar para essas caracterizações com alguma ressalva: em certos casos, a construção de um personagem como uma caricatura regional pode servir para reforçar um estereótipo negativo sobre as pessoas de determinada região, como o do “nordestino preguiçoso”, o do “caipira ignorante” etc.

---

A variação regional pode ser estudada ao se oporem diferentes tipos de unidades espaciais: podemos dizer que existe variação regional entre Brasil e Portugal (dois países), entre o Nordeste e o Sul do Brasil (duas regiões de um mesmo país), entre Paraná e Santa Catarina (dois estados de uma mesma região), entre Chapecó e Florianópolis (duas cidades de um mesmo estado) e mesmo entre falantes do centro de Florianópolis e falantes do Ribeirão da Ilha (dois bairros de uma mesma cidade). É comum também que se analise variação regional entre zonas urbanas e zonas rurais ou do interior.

---

#### *Variação regional e colonização*

A variação regional está associada, algumas vezes, à etnia colonizadora de uma comunidade. Isso ocorre porque a língua do povo colonizador acaba influenciando a língua da região colonizada. No Brasil, apesar de o território ter sido largamente colonizado por portugueses, tivemos um grande fluxo migratório de diversos povos – alemães, italianos, espanhóis, açorianos, japoneses e eslavos, entre outros –, sem contar os povos africanos que foram trazidos como mão de obra escrava e os povos indígenas que aqui já habitavam. Esse grande fluxo migratório é um dos fatores que fazem do nosso país um espaço pluridialetoal – um “prato cheio” para a pesquisa sociolinguística. Devemos ter cautela, no entanto, pois nem toda variação regional pode ser explicada pelo fator “colonização”.

---

Um exemplo perceptível de variação regional é a pronúncia das vogais /e/ e /o/ pré-tônicas em palavras como ‘peteca’ e ‘moderno’: em alguns dialetos

da região Nordeste, elas são pronunciadas abertas (*p[ɛ]teca e m[o]derno*), e em alguns dialetos do Sudeste e do Sul do Brasil são pronunciadas fechadas (*p[e]teca e m[o]derno*). A pronúncia do fonema /r/ em final de sílaba (coda silábica), como na palavra ‘porta’, também é bastante variada. No interior de São Paulo, temos o retroflexo [ɹ], que é comumente chamado de “r caipira” – embora essa terminologia não seja muito apropriada, pois traz certa conotação negativa; na capital do mesmo estado, por outro lado, é possível ouvir [r] na mesma posição. Ainda temos a fricativa velar [x] e a fricativa glotal [h], normalmente associadas ao dialeto carioca e ao mineiro, respectivamente.

Dentre os estudos sociolinguísticos sobre esse tipo de variação, destaca-se o de Maria Bernadete Abaurre e Emilio Pagotto (2002), em que analisam a variável fonológica “palatalização das oclusivas dentais diante de /i/”. Utilizando dados do Nure, verificaram as ocorrências da variante africada [tʃ] (como em [tʃ]ia) em oposição à não africada [t] (como em [t]ia). Como resultado geral, eles chegaram à seguinte distribuição: em Recife, apenas 7% dos dados foram realizados com a variante africada; em Porto Alegre, 40% das ocorrências foram com essa variante; na cidade de São Paulo, esse número cresce para 73%; em Salvador, 85% das ocorrências foram realizadas com a pronúncia africada; e na capital do Rio de Janeiro, chegou-se à impressionante frequência de 100% de uso dessa variante.

Nota-se, assim, que a palatalização das consoantes oclusivas dentais diante de /i/ apresenta uma distribuição geográfica diferenciada na totalidade das cinco capitais observadas pelos autores. Trata-se, portanto, de um caso de variação regional.

Vale observar que os estudos geolinguísticos, apresentados inicialmente como um importante aparato para a investigação da variação lexical (quando tratamos da dimensão interna da variação linguística), são uma rica fonte de dados para o exame da variação regional. Além dos já mencionados questionários semântico-lexicais, há questionários fonéticos e morfossintáticos, que permitem, através de sua organização em atlas, que se identifiquem diferentes aspectos da variação regional. Não custa lembrar que os mapas resultantes das respostas aos questionários podem compreender desde pequenos espaços, como uma cidade, a espaços maiores, como um país inteiro.

Da mesma forma que a fala pode carregar marcas de diferentes regiões, também pode refletir diferentes características sociais dos falantes. A essa propriedade dá-se o nome de **variação social** ou *diatrática*. Os

principais condicionadores sociais que usualmente são correlacionados à variação linguística são o *grau de escolaridade*, o *nível socioeconômico*, o *sexo/gênero* e a *faixa etária*, conforme exemplificamos a seguir.

- **Grau de escolaridade.** Por terem um contato maior com a cultura letrada e com o uso das variedades cultas da língua, supõe-se que, em geral, falantes altamente escolarizados dificilmente produzirão formas como “nós vai” ou “a gente vamos”, que são típicas de falantes pouco ou não escolarizados. É mais provável que eles falem “nós vamos” e “a gente vai”.

Vamos ver agora exemplos de como o condicionador **grau de escolaridade** pode atuar sobre fenômenos em variação. No estudo realizado em 1996 por Marta Scherre sobre a variável linguística “concordância nominal de número”, na fala carioca, a autora investigou a alternância entre a variante com marca de concordância padrão e a variante sem marca de concordância padrão (‘as meninas’/‘as menina’, por exemplo) nos dados do Censo/PEUL. Como resultados, observou que os falantes que haviam completado quatro anos de escolaridade realizavam a concordância nominal padrão em 40% das ocorrências. Essa taxa aumentava para os falantes com 8 anos de escolarização: 57%. Por fim, os falantes com 11 anos de escolarização realizavam concordância padrão em 73% das ocorrências.

Perceba-se que, nesse estudo, os índices de concordância nominal padrão (em oposição à ausência de concordância nominal padrão) vão crescendo conforme aumentam os anos de escolarização dos falantes, indicando que os que passaram mais tempo em ambiente escolar produzem em maior número a variante considerada padrão.

- **Nível socioeconômico.** É um condicionador muito estudado nos trabalhos de Labov e seu grupo de pesquisa sobre o inglês nova-iorquino. Seus resultados apontam que o grupo social menos privilegiado favorece o uso de variantes não padrão da língua, enquanto os mais privilegiados optam pela variante padrão. Mas essa constatação, em geral, é também correlacionada com a ocupação dos falantes e com uma diferenciação estilística. O efeito de indicadores sociais sobre o perfil sociolinguístico dos falantes não é nada simples. Na opinião de Maria Cecília Mollica (2008), origem social, renda, acesso

a bens materiais e culturais e ocupação são alguns dos indicadores sociais. No Brasil, ainda há poucos estudos que levam em consideração esses indicadores.

Existem várias formas de se controlar a classe social em uma pesquisa sociolinguística. Aqui, veremos um estudo realizado por Labov em três lojas de departamento da cidade de Nova York no ano de 1964 e um estudo do sociolinguista brasileiro Luís Amaral, realizado na cidade de Pelotas (RS) em 2003, que adotam metodologias diferentes.

Labov buscou investigar a variável “presença/ausência de /r/ em posição pós-vocálica” no inglês (como em ‘car’, ‘card’, ‘four’, ‘fourth’ etc.) em três lojas de departamento da cidade de Nova York, classificadas de acordo com sua localização geográfica, *status* dos jornais em que fazem seus anúncios, listas de preços de mercadorias, espaço físico da loja, seu prestígio e condições de trabalho dos funcionários: Sacks Fifth Avenue (frequentada pela classe média alta), Macy’s (frequentada pela classe média baixa) e S. Klein (frequentada pela classe baixa). Seu objetivo era verificar se o uso de /r/ se mostrava um diferenciador social na fala da cidade de Nova York e se eventos de fala rápidos e anônimos podiam ser usados como base para um estudo sistemático da linguagem.

O procedimento de coleta – método chamado de *inquérito breve e anônimo* – baseou-se numa metodologia simples. O entrevistador (que foi o próprio Labov) perguntava aos seus informantes, os funcionários do local, onde ficava determinada seção da loja, a fim de obter como resposta a expressão *fourth floor* (“quarto andar”) em dois momentos: como resposta casual (a primeira resposta do informante) e resposta enfática (a segunda resposta do informante, que, ao perceber que não havia sido compreendido, pronuncia a expressão *fourth floor* mais cuidadosamente), como descrito a seguir:

- Entrevistador: *Excuse me, where are x?*  
*Com licença, onde fica x?*
- Informante: *Fourth floor.* [estilo casual]  
*No quarto andar.*
- Entrevistador: *Excuse me?*  
*Como?*
- Informante: *Fourth floor.* [estilo cuidado e acento enfático]  
*No quarto andar.*

Labov registrava todos os dados, ou seja, todas as ocorrências de presença e de ausência de /r/ em posição pós-vocálica na expressão ‘*fourth floor*’, tanto na resposta casual quanto na resposta enfática. Os resultados da estratificação do /r/ por loja mostraram que 62% de empregados da Sacks, 51% da Macys e 21% da Klein usaram /r/ em pelo menos uma das duas respostas ao inquérito. Note-se que a presença do /r/ era a variante nova e de prestígio do nova-iorquino e a variante conservadora e estigmatizada era a ausência de /r/, dado que, na época, a tradição anglófila ensinava que a pronúncia do /r/ era um traço provinciano e que a pronúncia “correta” era o apagamento do /r/, de acordo com o inglês britânico.

Os resultados quanto ao uso do /r/ dispõem os funcionários numa ordem idêntica à gerada pelo *nível socioeconômico* das três lojas: quanto mais alto o nível socioeconômico da loja (ou, melhor dizendo, dos clientes que frequentam a loja), mais se observa o uso do /r/, e quanto mais baixo o nível, menos se observa esse uso. Pode-se dizer que Labov verificou, assim, a correlação entre um fenômeno linguístico e o nível socioeconômico dos falantes.

Ainda com relação a estudos que levam em consideração esse condicionador, no Brasil, temos a tese de Luís Amaral (2003), sobre a “concordância verbal com o pronome de P2 ‘tu’” (como em “tu falas” vs. “tu fala” e em “tu falaste” vs. “tu falou”). O autor adotou uma metodologia diferente da de Labov para identificar o nível socioeconômico dos falantes, baseada em três condicionadores: “ocupação/profissão”, “renda/patrimônio” e “escolaridade” do falante. Unindo esses três condicionadores, Amaral chegou a uma classificação do nível socioeconômico dos entrevistados e obteve a seguinte distribuição: os falantes de classe média alta realizaram concordância padrão em 12% dos dados, os falantes de classe média baixa em 7% e os de classe baixa, em 4%. Nota-se, então, que os falantes de classe mais alta fizeram concordância mais vezes do que os de classe mais baixa.

Observe-se que não são números muito altos de concordância verbal. Isso se deve ao fato de Amaral ter realizado seu estudo utilizando dados do VarX (Banco de Dados Sociolinguísticos Variáveis) da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul – lugar onde é muito comum o uso do pronome ‘tu’ sem marca de concordância padrão. Se esse estudo fosse realizado em outra localidade, possivelmente os resultados seriam diferentes.

- **Sexo/gênero.** Quanto à variação social relacionada ao sexo/gênero dos informantes, alguns estudos mostram que as mulheres são mais conservadoras do que os homens: em geral, elas preferem usar as variantes valorizadas socialmente. É como se as mulheres fossem mais receptivas à atuação normatizadora da escola. Esses resultados, no entanto, requerem cautela, afinal, os papéis feminino e masculino, nas diversas sociedades, estão, a todo momento, sofrendo transformações.

É bem possível que a explicação sobre as diferenças linguísticas entre os sexos/gêneros esteja relacionada com o papel que a mulher tem na vida pública. O comportamento conservador é muitas vezes espelho da história particular e das histórias culturais das diferentes regiões. Segundo Labov (1982), as mulheres nas sociedades ocidentais em geral são mais conservadoras do que os homens, mas em sociedades asiáticas, por exemplo – em que elas, em geral, não têm um papel de destaque – as mulheres reagem menos fortemente às normas da cultura dominante. Nesse caso, o comportamento conservador seria observado na fala dos homens.

Outra consideração importante acerca da variável sexo/gênero é que tem se verificado resultados mais significativos quando se correlaciona essa variável com a faixa etária da população e, se possível, com a história social das diferentes comunidades investigadas, de modo que as transformações culturais e as mudanças comportamentais das faixas mais jovens da população possam ser observadas também.

Um estudo que levou em conta o condicionador em questão foi o de Scherre sobre a concordância nominal, já mencionado. Como resultado, temos a seguinte distribuição: as mulheres realizaram concordância nominal padrão em 65% das ocorrências, enquanto os homens o fizeram em 46% dos dados. Veja-se que, nesse caso, pode-se dizer que as mulheres se mostram mais conservadoras.

- **Faixa etária.** A relação entre variação linguística e idade do falante tem suscitado muitas reflexões entre os sociolinguistas no Brasil e no mundo, pois, em geral, no controle desse condicionador entra em jogo a questão da mudança linguística. Tornaremos a tratar de mudança adiante; por ora, basta saber que *variação* implica duas ou mais formas que concorrem para expressar um mesmo significado referencial/representacional, enquanto *mudança* implica processo de substituição gradual de uma forma

por outra. Para alguns autores, a variação condicionada pela faixa etária dos falantes tem um nome próprio: *variação diageracional*.

Um exemplo de estudo em que a faixa etária se mostrou um condicionador relevante foi o que Emilio Pagotto (2001) realizou em sua tese, com dados do Varsul e da amostra Brescancini. O autor verificou como se dava a pronúncia de consoantes oclusivas alveolares diante de /i/ na fala de florianopolitanos, considerando três variantes: a não africada (como em [t]ia), a africada não palatal (como em [ts]ia) e africada palatal (como em [tʃ]ia), sendo que as duas últimas variantes são consideradas “inovadoras” e a primeira é a mais antiga e é também considerada uma marca de identidade de Florianópolis.

Os resultados de Pagotto revelaram a seguinte distribuição, com relação à variante [t]: os falantes de 15 a 23 anos a realizaram em 42% das ocorrências, os falantes de 25 a 50 anos em 66% das ocorrências, e os falantes com mais de 50 anos em 69% dos dados. É possível notar, nesses resultados, uma tendência dos falantes mais velhos a preferirem a forma mais antiga, ao passo que os mais novos preferem a forma nova.

Vale ainda salientar que, na análise da variação linguística em sua dimensão externa, o nível de escolaridade, o nível socioeconômico e o sexo/gênero dos falantes não devem ser considerados isoladamente e podem explicar, entre outras coisas, o fato de um dialeto se enquadrar em maior ou menor grau entre as variedades cultas. Com relação à faixa etária, estudos têm mostrado que ela não pode ser estudada sem que se leve em conta uma correlação entre indivíduo e comunidade, e entre esse fator e os demais condicionadores sociais.

Além disso, é importante observar que esses não precisam ser os únicos condicionadores sociais controlados em uma pesquisa sociolinguística; o papel do falante dentro de uma comunidade ou dentro de uma rede social e seu grau de exposição à mídia, entre outros, são condicionadores que podem se mostrar significativos na análise de um fenômeno em variação.

Já vimos que a região onde uma pessoa nasceu e/ou mora pode influenciar o modo como ela fala, assim como diferentes fatores de ordem social. Agora, vamos ver que um mesmo falante pode usar diferentes formas linguísticas dependendo da situação em que se encontra. Basta pensarmos que a maneira como falamos em casa, com nossa família, não é a mesma como falamos em nosso emprego, com o chefe. O que está em jogo aí são os diferentes “papéis sociais” que as pessoas desempenham nas interações de que

participam em diferentes “domínios sociais”: na escola, na igreja, no trabalho, em casa, com os amigos etc. Esse tipo de variação linguística, resultante dos diferentes papéis sociais que desempenhamos nas diferentes situações comunicativas, recebe o nome de **variação estilística** ou *diafásica*.

Nossos papéis sociais se alteram conforme as situações comunicativas das quais participamos – por exemplo, entre professor e aluno, patrão e empregado, pai e filho, entre irmãos etc. – e estão intimamente relacionados aos tipos de relações que ocorrem entre o locutor e seu interlocutor (as chamadas *relações de poder e solidariedade*, que remetem às relações sociais de hierarquia e intimidade/proximidade que existem entre os participantes de uma situação comunicativa), ao contexto ou domínio social em que se dá a interação, como já mencionado, e até mesmo ao assunto sobre o qual se conversa.

Esses são fatores relacionados à variação estilística, que decorre, em suma, da *adequação* que os interlocutores fazem de sua fala ao contexto geral em que ocorre a comunicação. Certamente, em situações formais, usamos uma linguagem mais monitorada, ou seja, prestamos mais atenção à forma como falamos, enquanto que, em situações mais informais, usamos uma fala mais coloquial. Essas duas linguagens são chamadas, respectivamente, de *registro formal* e *registro informal*. Assim como escolhemos uma roupa para cada situação, também escolhemos (consciente ou inconscientemente) a língua que vamos usar em diferentes contextos comunicacionais.

---

### A língua e a moda

A língua, no que diz respeito à variação estilística, pode ser comparada à moda. Para nos adequarmos à moda, da mesma forma como não vamos à praia de terno e gravata ou de sapato alto, também não vamos a um tribunal em trajes de banho. E assim é com a língua: não falamos com o chefe, no trabalho, da mesma forma como falamos em casa, com os familiares, ou num bar, com os amigos.

Pode parecer uma comparação um tanto óbvia, mas muitas pessoas não se dão conta de que *é tão inadequado usar uma linguagem coloquial em uma situação formal quanto é inadequado usar uma fala muito monitorada em um contexto informal*.

---

Apesar da classificação entre registro formal e informal, normalmente nossa fala não apresenta somente dois extremos. É mais apropriado pensarmos que existe um *continuum* que perpassa situações de maior ou menor formalidade, correspondendo a registros mais ou menos formais, entre esses dois polos. Eventualmente, falantes vão apresentar uma escala maior ou menor de possibilidades de registro, dependendo de seu desempenho linguístico. As crianças, por exemplo, usualmente não apresentam uma escala grande e, portanto, têm menor possibilidade de variar estilisticamente.

Um importante estudo sobre variação em que se perceberam influências estilísticas é o trabalho clássico de Labov a respeito da variação do /r/ no inglês. Ele realizou cinco coletas de dados distintas, que apontaram uma graduação entre, num extremo, um estilo menos monitorado/informal e, noutro, um mais monitorado/formal, nessa ordem: conversa informal, entrevista com o informante, leitura de um texto, leitura de palavras e leitura de pares mínimos. Labov atestou a correlação entre o emprego das variantes de prestígio nos estilos mais formais e o das variantes de menor prestígio nos estilos mais casuais.

No Brasil, o trabalho de Miriam Lemle e Anthony Naro (1977) sobre a variação na concordância verbal foi pioneiro na consideração de fatores estilísticos. Eles chegaram ao resultado de que, em contextos familiares e em situações menos formais, os falantes eram menos propensos a realizar a marca de concordância verbal padrão de P6 do que em contextos não familiares e em situações mais formais, em que era favorecida a marcação de concordância padrão.

Outro estudo que buscou investigar a variação estilística foi o de Joana Arduin e Izete Lehmkuhl Coelho (2006) sobre a variação nos “pronomes possessivos de P2”. Com o objetivo de observar a distribuição das variantes ‘teu’ e ‘seu’ em Florianópolis e Porto Alegre, as autoras selecionaram, dentre as entrevistas do Varsul, os trechos de *discurso reportado*. Nesses trechos das entrevistas, temos relatos de histórias que aconteceram com o falante, com pessoas de sua família, de seu trabalho, entre amigos etc. Esses relatos nos permitem, muitas vezes, detectar o *tipo de relação* que há entre os interlocutores.

Elas classificaram as relações entre os interlocutores como sendo de três tipos: (i) **relação assimétrica de superior para inferior (descendente)**: estabelecida na fala de pai para filho, de patrão para empregado, de falante mais velho para falante mais novo etc.; (ii) **relação simétrica entre iguais**: estabelecida na fala entre amigos, entre irmãos etc.; e (iii) **relação assimétrica de**

**inferior para superior (ascendente):** estabelecida na fala de filho para pai, de empregado para patrão, de falante mais novo para falante mais velho etc.

Como resultado, as autoras encontram a seguinte distribuição: nas relações em que o locutor era considerado hierarquicamente superior ao seu interlocutor (ou seja, assimétricas descendentes), o pronome 'teu' foi preferido em 91% das ocorrências; nas relações em que o locutor é hierarquicamente igual ao seu interlocutor (isto é, simétricas), essa variante teve, igualmente, 91% da preferência dos falantes; e nas relações em que o locutor era considerado hierarquicamente inferior ao seu interlocutor (ou seja, assimétricas ascendentes), a forma 'teu' atingiu a marca de 44% de uso, apenas.

Observe que o pronome possessivo 'teu' é mais frequente nos dois primeiros tipos de relação, o que pode indicar que essa variante é aquela mais associada ao *registro informal*, considerando o *continuum* de que falamos anteriormente.

Além da variação regional, da variação social e da variação estilística, é comum encontrarmos em trabalhos sociolinguísticos um outro tipo de variação: a **variação entre a fala e a escrita** ou **diamésica**.

#### *Variação diamésica*

A palavra *diamésica* se relaciona etimologicamente à ideia de vários *meios*; no contexto da Sociolinguística, os meios ou códigos a que nos referimos são a *fala* e a *escrita*. É importante notar que este é um tipo de variação linguística um tanto diferente dos que vimos até agora, pois concerne a características de dois códigos distintos enquanto os outros tipos dizem respeito a fenômenos que se manifestam no mesmo código – geralmente o da fala (embora de uns anos para cá haja cada vez mais estudos sociolinguísticos em que a escrita é o meio analisado).

Para estudar a variação diamésica, é necessário entender que existem diferenças entre o meio falado e o meio escrito. Podemos dizer que, salvo em situações excepcionais, a produção de um texto falado é uma atividade *espontânea, improvisada e suscetível à variação* nos diversos níveis. Já a escrita constitui-se como uma atividade *artificial* (não espontânea), *ensaiada* (no sentido de que reservamos tempo e espaço para planeja-

mento, revisões e reformulações), e um pouco *menos variável*, pois em geral está mais vinculada à produção de gêneros sobre os quais há maior pressão de regras normativas e maior monitoramento. Essas diferenças devem ser relativizadas, uma vez que a relação entre fala e escrita, assim como entre registro formal e registro informal, não é dicotômica, mas contínua.

Vale ressaltar que, dadas as diferenças entre as modalidades falada e escrita, não é aconselhado olhar para os dados de fala e escrita juntos e tratar os dois meios como condicionadores de um fenômeno variável. Uma abordagem mais adequada seria aquela em que é feita uma análise de uma amostra de fala e outra de uma amostra de escrita e, depois, se for o caso, uma comparação entre os resultados das duas análises, considerando-se as particularidades dos dois tipos de texto. Um bom exemplo é a dissertação de Silva-Brustolin (2009), em que a autora observou a variação entre os pronomes *nós* e *a gente* na fala e na escrita de alunos do ensino fundamental de escolas públicas de Florianópolis (SC).

Vimos até aqui a atuação de diferentes condicionadores extralinguísticos em fenômenos variáveis no português do Brasil e no inglês americano. É importante observar que os condicionadores externos são controlados *conjuntamente* numa pesquisa sociolinguística, e que os resultados mais interessantes são aqueles em que podemos perceber várias *forças* atuando juntas. O fato de apresentarmos um ou outro condicionador externo como sendo relevante em determinado estudo não quer dizer que o pesquisador não tenha investigado a interação desse condicionador com outros. Vale lembrar também que é necessário *relativizar* os resultados quando tratamos de influências externas à língua. Cada comunidade é diferente e, portanto, apresenta condicionadores externos atuando de maneira diferente.

#### 3.2 Variação e identidade: o caso de Martha's Vineyard

Os condicionadores extralinguísticos foram o alvo do estudo pioneiro de Labov de 1962, realizado na ilha de Martha's Vineyard (Massachusetts, Estados Unidos). A motivação desse estudo foi sua percepção de que os ditongos /ay/ e /aw/ (como em *right* e *house*, respectivamente) poderiam ser pronunciados de diferentes maneiras. Além das variantes padrão, [ay] e [aw], havia outras que tendiam à *centralização* da primeira vogal. Cada variável

controlada por Labov apresentava três variantes: /ay/ poderia ser pronunciado como [ay], [əy] e [ey], e /aw/ poderia ser pronunciado como [aw], [əw] e [ew].

Labov foi, então, em busca de explicações para a variação fonológica que observou e chegou a resultados que indicaram que a **identidade** dos falantes, em termos de sentimento de pertencimento a um local, a um povo ou a uma cultura (entre outros fatores), pode se mostrar como um condicionador extralinguístico que motiva a variação linguística.

O sociolinguista procurou dados dos ditongos /ay/ e /aw/ em diferentes situações: na fala casual, através da observação da interação entre falantes na rua, em bares etc.; na fala com acento emocional, através de questionários que requeriam dos informantes juízos de valor sobre formas linguísticas; na fala cuidada, através de entrevistas; e na leitura, pedindo aos informantes para que lessem uma história em voz alta. As entrevistas foram realizadas com 69 nativos, estratificados socialmente, de acordo com os seguintes condicionadores: (i) região: *up-islanders* (provenientes da Up-Island, uma região rural) e *down-islanders* (provenientes da Down-Island, uma região urbana que abrigava 75% da população da ilha à época); (ii) ocupação: pescadores, agricultores, operários de construções, comerciantes, profissionais liberais, donas de casa e estudantes; (iii) grupo étnico: descendentes de ingleses, de portugueses e de indígenas; (iv) sexo/gênero: homens e mulheres; e (v) faixa etária: 14-30 anos, 31-25 anos, 46-60 anos, 61-75 anos e acima de 75 anos.

Foram considerados, além dos condicionadores extralinguísticos, os seguintes condicionadores internos: a) ambiente fonético: quais eram as consoantes precedentes e subsequentes aos ditongos /ay/ e /aw/; b) fatores prosódicos: a tonicidade das formas linguísticas em que apareciam os ditongos; c) influência estilística: as diferentes situações em que os dados foram coletados (fala casual, fala com acento emotivo, fala cuidada e leitura); e d) considerações lexicais: em que palavras esses ditongos tendiam a ser pronunciados centralizados. Os condicionadores linguísticos, nessa pesquisa, mostraram-se pouco ou não significativos.

Vejamos primeiramente os resultados da pesquisa para depois entendermos as conclusões a que Labov chegou.

Quanto ao condicionador “faixa etária”, considerando-se todos os falantes entrevistados, o grupo que mais favoreceu a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ foi o da faixa de 31 a 45 anos. Com relação à localidade, a região Up-Island (área rural) foi a que mais apresentou centralização,

sendo que os mais altos índices foram encontrados entre os habitantes de um lugarejo chamado Chilmark, onde a maior parte da economia está concentrada na pesca. E foi exatamente o grupo dos pescadores, no controle do condicionador “ocupação”, que apresentou os maiores índices de centralização. Já quanto à “etnia”, foram os descendentes de ingleses que se destacaram. Além disso, houve outro condicionador que se revelou significativo nos juízos de valor dos informantes: a questão da identidade e da atitude.

Esses resultados fazem muito sentido quando associados à história social da ilha. A região de Chilmark, na Up-Island, é habitada por descendentes de ingleses que, como dissemos, têm na pesca sua principal ocupação. Eles são conhecidos por se diferenciarem dos demais habitantes da ilha, por serem independentes e por defenderem seu modo de vida. Acontece que, àquela época, Martha's Vineyard vinha passando por grandes transformações econômicas e sociais. A prática da pesca, uma atividade tradicional, vinha decaindo e a atividade turística estava crescendo, invadindo a ilha não só espacialmente como também culturalmente. Esse processo resultou em uma divisão: de um lado, ficaram os que, na tentativa de preservar sua cultura e identidade, reagiram negativamente à atividade turística; de outro lado, aqueles que reagiram positivamente ou não se importaram com as mudanças, buscando integração com a nova atividade econômica e com as diferenças culturais trazidas por ela. Os habitantes de Chilmark incluíram-se majoritariamente no primeiro grupo.

Por conta do perfil dos habitantes de Chilmark é que dizemos que o estudo de Labov em Martha's Vineyard tem seus resultados amparados na **identidade** e na **atitude** dos falantes com relação à ilha. Aqueles que se identificam com a ilha e são avessos aos turistas centralizam mais os ditongos /ay/ e /aw/ para preservarem sua marca de identidade, como os habitantes de Chilmark; aqueles que são “neutros” ou reagem positivamente ao turismo apresentam em menor escala essa centralização ou não a apresentam.

Os resultados de Labov indicaram que a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ estava atrelada à estratificação social dos informantes, muito mais do que aos fatores de natureza interna. Em outras palavras, podemos dizer que as explicações encontradas não estavam na estrutura da língua – não havia quase nada no contexto linguístico que condicionava um falante a pronunciar de uma maneira ou de outra os ditongos pesquisados –, mas sim fora da língua, no contexto social dos informantes da pesquisa.

#### 4. FECHANDO ESTE CAPÍTULO

Neste capítulo, demos os primeiros passos no estudo da disciplina Sociolinguística, uma subárea da Linguística que se ocupa da relação entre língua e sociedade. Tratamos, em primeiro lugar, de apresentar conceitos fundamentais que fazem parte da terminologia da Sociolinguística, e em seguida partimos para a análise da dimensão interna da língua, em que contemplamos os níveis linguísticos em que ocorre variação: *lexical, fonológico, morfológico, sintático e discursivo*, e os condicionadores internos; e da dimensão externa, em que vimos os seguintes tipos de variação: *regional, social, estilística e entre fala e escrita*, e os condicionadores externos. Fizemos essa análise a partir da discussão de diferentes regras variáveis e de conjuntos de variantes que se alternam de acordo com motivações internas e externas. Trouxemos também considerações a respeito da relação entre língua e identidade, quando apresentamos o clássico estudo de Labov realizado em Martha's Vineyard.

#### Leituras complementares:

- O livro *Sociolinguística*, de Izete Lehmkuhl Coelho et al. (2010), elaborado para uso em cursos de ensino a distância, apresenta aspectos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista e é finalizado com reflexões sobre a relação entre variação/mudança e ensino de língua.
- No livro *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*, Rodolfo Ilari e Renato Basso (2011) oferecem um panorama da língua portuguesa, abordando sua origem no latim, passando por sua expansão de Portugal a América e chegando a características atuais do português falado no Brasil, a tipos de variação e a considerações a respeito do ensino de língua.
- *Sociolinguística – parte II*, de Roberto Camacho (2006), é um capítulo de livro que introduz conceitos-chave e postulados teóricos da Sociolinguística. O autor também analisa fenômenos em variação no português brasileiro, apontando condicionadores internos e externos.
- O volume *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*, organizado por Maria Cecília Mollica e Maria Luíza Braga (2008), traz considerações a respeito de questões teórico-metodológicas, como a relevância dos condicionadores externos e internos nos fenômenos de variação e algumas etapas da pesquisa sociolinguística.